

A CASA DA BRUXA

CONTOS, MINICONTOS
E POEMAS
VOL. V



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-37288-4

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SÓ QUANDO VOCÊ ME DISSER TE AMO - (HISTÓRIA DA CONDESSA BATHORY), POR AUGUSTO J PONTES, PÁG. 05

MUTILADOS - PARTE 1, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 14

MUTILADOS - PARTE 2, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 19

AS PEDRAS DO ITAGUAÇU, POR CLARICE DESTERRO, PÁG. 24

BATISMO DE SANGUE, POR FERNANDA PIMENTEL, PÁG. 29

ALICIAR VOCÊ, POR JULIANA PEREIRA GUIMARÃES, PÁG. 33

O MUNDO DESENCANTADO, POR LUCIANA FERREIRA DA SILVA, PÁG. 37

SOMBRA DE CARÇAÇA, POR MAURÍCIO NIERO, PÁG. 42

O CULTO DAS BRUXAS ESFAIMADAS, POR MAURÍCIO NIERO, PÁG. 47

INCOAÇÃO, POR NADYA JULIA DE PAULA LUIZ, PÁG. 53

BRUXANDO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 56

BRUXA NÃO MUITO MÁ, POR SELMA LUANNY, PÁG. 58

A BRUXA JÁ PASSARA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 60

FOI-SE O TEMPO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 62

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 64



A CASA DA BRUXA

CONTOS, MINICONTOS

E POEMAS

VOL. V

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



A P R E S E N T A M O S

Só quando você me disser te amo (História da Condessa Bathory)

Por Augusto J Pontes

Augusto J Pontes tem 34, formou-se em Letras em 2017. Começou no mesmo ano a participar de antologias, buscando, na fantasia e na escrita, tecer coesão dos mundos que sentia que necessitava urgentemente surgir para que não ficasse morto no limbo da não-criação.



Na velha Inglaterra, a peste, a sujeira e as latrinas vociferavam o hálito de morte a cada pôr do sol, dando lugar a um clima de trevas sobre as vilas, os bordeis e as tabernas. Traçavam-se sobre a mesma moeda tanto os ventos ígneos da animalidade de um povo hostil quanto as aspirações morais da fé corrupta que doutrinava pela espada aos incautos, içando a dicotomia entre hipocrisia e subversão que imperava sobre a Grande Bretanha.

Era um típico lugar onde roubos, assassinatos e estupros vilipendiavam a tranquilidade das boas pessoas: idosos, pessoas mais frágeis e mulheres, as maiores vítimas. Um mundo à parte, separado da vida luxuosa da Rainha e dos cristãos da Igreja Anglicana.

Mesmo assim, havia algo universal no **Jogo de Justiça** nesse país: **o dinheiro**. Alguns se tornavam imunes à injustiça puramente pelo seu sobrenome e compostura familiar, e esse não era o caso de **Jerome, nosso personagem**. Talvez ele não merecesse pelo que passou, mas a vida era assim. O vai e volta, o justo e injusto, o preto e branco: uma miríade de contrastes e, não devendo julgar pela minha visão de justiça como a real atividade mais prudente a esse que lhes fala, vos digo que “Um dia é da caça, outro do caçador”; o mundo sempre foi assim...

Voltando ao personagem, sabíamos que ele munia de um certo carisma como um bom comerciante e, até por isso, nunca era alvo das tão incomuns injustiças de lá. Era pobre. Muito pobre. Simples. Muito simples. Era um candor de rapaz. Sua simplicidade era inimiga de sua qualidade e sua genialidade.

Jerome era, por vista, um típico sonhador nato, não baixava a peteca. Sempre via o lado bom e era também virgem. Buscava alguém para se unir a ele em alma e diminuir assim o purgar de toda essa miséria. Alguém para trazer alento e dividir vapores sobre o frio da úmida noite londrina dividida aos ratos, esgotos e viciados. Jerome, de certo, detinha uma grande moral e certo respeito por já ser bem famoso como negociante. Andava com regalias de “uma quase intocabilidade”, já que conhecia todos, e todos o saudavam: de bandidos a mocinhos, dos nobres aos mendigos. Realmente era um sujeito interessante e, praticamente, sem inimigos.

Mas, foi em uma segunda-feira à tarde, enquanto talhava frutas, que foi abordado por uma mendiga, ou pelo menos era o que parecia. Não falava a língua da ilha. Pedia

com gestos por misericórdia e um pouco de comida. E, claro, ele deu. Não sem antes investigar quem era e, ao não conseguir tirar palavras da estrangeira, esperou ansiosamente pelos dias seguintes. “Mendigos sempre voltam no dia seguinte” era o que falava para si mesmo. Ele gostou dela de imediato, sentindo inclusive àqueles sentimentos inerentes ao estado de paixão: borboletas saltitavam no estômago enquanto coloriam as entranhas tão castigadas do seu âmago e instigavam a conhecer as nuances da juventude que adiara. Caíra de vez. Já estava amando. Não sabia como, mas estava.

Pensou de forma palpável meios da possível próxima visita do seu novo interesse amoroso. Sabia que, quando pedintes encontravam alguém bondoso o suficiente para doar mantimentos, o sugariam como um vampiro pernicioso até no dia de seu enterro. Assim, ele sabia que ela iria procurá-lo, nem que fosse para tirar o seu único anel, no seu suposto último soprar sobre o caixão. E ele esperaria...

Mas ela...

Passaram-se duas semanas e ela ainda não veio...

Foram alguns dias, mas ela não veio...

Ele ficou melancólico e desenhou no seu criativo imaginário àquela moça de cabelos vermelhos que fustigou seu coração, e imprimia-a sobre um velho papel. A figura dela sob uma roupa bem tratada, ele dava ênfase em esfumaçar seus olhos ferinos e os seus seios, que aparentemente eram pequenos como ameixas semi-maduras, sob a curva de uma mulher que já sabia das coisas do mundo.

“Ela seria uma moça ainda mais linda se eu a amparasse” era o que pensava enquanto traçava por meio do lápis seus devaneios mentais... “Talvez tenha perdido a oportunidade de me casar com a única que meio que balançou o meu coração” pensava.

Três semanas depois, Jerome passara por uma mulher muito esguia, cheirosa e de cabelo que parecia rubro embora molhado e trançado. Trajava-se com roupas comportadas e trazia consigo um livro que parecia da Igreja, apoiada sobre a maciez de um par de seios não grandes, mas compostos, no qual o preto ornamento sagrado da roupa abotoava o volume do busto das olhadelas dos “animais” que ali passavam. Simpática, ela o abordou com um sorriso, e, com gratidão, ele entendeu que não era uma mera desconhecida.

— Você?! — assustou-se ao perceber tratar-se da moça de seus devaneios.

— Sim! Sou eu sim. — Ela falava com um inglês carregado, como se estivesse aprendendo.

— Nossa eu esperei você por dias.

— Estive trabalhando. Mil perdões. Aliás, eu queria retribuir o carinho e chamá-lo para passear e me acompanhar enquanto conversamos. Você está ocupado?!

— Claro que não. Eu aceito — falou ansiosamente.

— Aliás, não me apresentei. Pode me chamar de Liz!

— Ah, prazer. Sou Jerome. E de onde você veio, Liz?!

— Bem, não acho que desejaria saber. — fala ela tornando uma seriedade cortante. — e voltando a sua habitual simpatia ela muda de humor e segue: — Minha história é triste. Está preparado para saber?

— Claro. Eu imaginei que fosse.

— Nasci no império Austro-Húngaro. Fugindo da pobreza, cai lá pelas bandas de Portugal. Recentemente, fugi de Lisboa após o terremoto de 1785. E foram os cais da Inglaterra que me anistaram. Cheguei sem conhecidos, sem nada, ninguém... Por isso aquela situação. Mas já estou estabilizada agora.

— Então você é húngara?! Pois não me parece!

— Não parece por quê? — ela riu.

— Não sei... Esses cabelos vermelhos. Naquela região as pessoas têm o cabelo mais escuro, mais acastanhado. Você lembra uma irlandesa ou algo do tipo...

— Mas não sou — riu de novo. — E sim... todos confundem. Por isso deixo meus cabelos trançados, para passar mais despercebida.

— Impossível passar despercebida.

— Ah, para com isso! Eu sou uma recatada de igreja. Simples e ando com **os panos**. Não existe mais nenhuma estrangeira tão sem graça assim pela bela Londres?!

— Já se encantou pelas loucuras dos cristãos-novos? Já que vejo você com esse livro. Sobre Londres... Nem sei o que há de belo aqui... Aliás, agora tem! A Vossa pessoa.

— Muito Obrigada.

E eles continuaram conversando até que Liz o levou até o seu trabalho, que também era seu lar, o castelo do **Duque Bewolf**.

— Ah, então você trabalha com o Duque?

— Sim! Ele me contratou. Eu sou sua dama e empregada.

— Ele parece ser generoso. Tudo bem. Deixar-te-ei com seu mestre e seu labor.

Apareça sempre que puder lá na barraca.

E eles se viam. Aliás, Jerome e Liz se viam quase toda semana e, quando ela ia para a feira, conversavam por horas como dois amigos. No entanto, algum tempo sem se encontrarem, deixou o rapaz um pouco nervoso. Quase um mês depois, Liz foi ter com ele:

— Jerome, eu tenho uma novidade!

— Há quanto tempo! Achei que não me amava mais.

— É claro que não me esqueceria de vossa pessoa — apaziguou Liz. — Bom, a novidade é que o Duque está precisando de um mordomo. Eu pleiteei veementemente por você. Por favor, aceite. Quem sabe não moramos até juntos naquele suntuoso castelo enorme e vazio. Às vezes fico tão sozinha. — Finalizou a amiga demonstrando candura.

— Eu quero, claro. Mas você acha que ele aceitaria?! – falou o comerciário.

— Sim. Ele aceita tudo que indico. Ele confia em mim.

— Então aceitarei. Quando poderemos conversar com ele a respeito?

— Agora mesmo. Vamos? Tudo certo para me acompanhar?

— Claro.

Ao chegarem, ele notou na figura do Duque um senhor de cabelo comprido e branco, era uma pessoa com deficiência e que usava um tipo de cadeira sobre rodas, embora isso, era muito solícito e independente.

— Ouvi falar de você, meu rapaz. Poupe seu tempo com apresentações. Se a Senhorita

Elizabeth almeja-o como meu empregado, a vaga já é sua. Como vê, eu sou apenas um pobre coxo e não poderia dotar as instruções do labor sem gastar muita energia. A Elizabeth e os outros funcionários se incumbirão disso. Fique à vontade para perguntar tudo. Seja bem-vindo.

— Muito obrigado pela oportunidade, Senhor Duque.

Foram duas semanas de treinamento e Jerome tornou-se um bom mordomo.

Percebeu que o Duque era a melhor pessoa do mundo. Era autodeterminado, na medida do possível, e tinha um ajudante só para si. Sempre ia resolver burocracias no banco e voltava com presentes para todos, mas em especial para Liz, pela qual nutria um sentimento especial. Já Jerome nutria ciúmes pela relação entre o seu chefe e Liz. Foi

assim que decidiu pedir demissão. Liz, sabendo que ele a amava, pediu mais duas semanas para tentar convencê-lo a ficar. E conseguiu.

Era a primeira semana em que dormia no castelo, e, depois do serviço, em uma noite de terça-feira, tomou uma taça de vinho com Liz na adega pouco iluminada, um subterfúgio no castelo. Ela, com uma espécie de roupa de dormir, pela primeira vez destoou daquelas características de “comportada”, agora quase seminua, o deixou quase louco com suas curvas e sedução de estrangeira. Beberam juntos e falaram de coisas da vida adulta sem censura, ele ficou empolgado e muito feliz.

“A ocasião faz o vacilão, e ele caiu sobre o inerente trabalho das maquinárias da serpente”.

É o que diz o Poeta.

Maximizada pelos fortuitos elementos das argúcias de uma Afrodite... Havia tudo ali, o aquecer dos sentimentos, o aquecer dos sentidos, o êxtase do rapaz sob aquele reconfortante clima de luz de vela. O elixir do pecado rubro, que aqueceria até a alma mais gélida do mundo, e o charme de uma estrangeira, que sussurrava falando de coisas sensíveis da vida, em um papo de adulto, homens, relacionamentos, orgias. Jerome logo tornou a embriagar-se, talvez não de bebida, mas dos sentimentos de uma iminente primeira experiência sexual de um jovem homem apaixonado.

— Sabe, meu amigo, eu sei que gosta de mim – falou Liz enquanto massageava óleo nas pernas sensualmente.

— Sabe?! Pois não parece que sabe. Porque não gosto... Eu a AMO.

— Isso. Mas você precisa saber algo sobre o Duque. Ele não é quem diz ser.

— Não?!

— Ele é um Anjo. Ele é realmente um Anjo. Igual aos da bíblia que lemos. Ele!

Purinho!

— Um anjo?! Eu não acredito nisso. Eu... NÃO... A... — ele, com um sono imediato, maneirava cada vez mais as palavras que intercalava com bocejos. Fora dopado. E caiu adormecido antes que terminasse de concluir a frase.

Liz fincou cirurgicamente sem pestanejar uma adaga dourada sobre a barriga do rapaz de uma forma que não ferisse os órgãos vitais, foi assim abrindo uma sangria e coletando o sangue em uma vasilha de pura prata. Uns 500mls de puro sangue jaziam na vasilha. Adornou seu corpo com o sangue vívido da vítima. Banhara-se totalmente com o sangue do rapaz, usando todo o conteúdo da vasilha. Soltou seus cabelos, que ficavam

cada vez mais rubros, e ativou o elixir da juventude no plasma sanguíneo do jovem com um comando sussurrado. Ficava cada vez mais forte e cada vez mais bela. Ergueu o rapaz e o desamarrou ao perceber que não teria mais forças para fugir ou lutar já que perdera quase todo o sangue. Após abrir canaletes de sangue em cada um dos dois antebraços, colocou quatro sanguessugas, duas em cada braço para finalizar o trabalho. A sucção dos vermes e uma sensação natimorta, lutou para pungir o ar que lhe restava. Abriu seus agora pesados olhos. Ao ver Liz, quase entrou em choque. Mas conseguiu tanger forças para caçar explicações.

— Por quê?!

— Porque eu te amo. E eu necessito do seu sangue em mim. Um virgem. Eu te perdo — falou Liz fingindo que estava no papel de perdoar.

— **Elizabeth! Trouxe algumas coisas!** — Alguém, cuja voz ele conhecia muito bem, falava totalmente coloquial enquanto chegava. Era Bewolf, que apareceu sob a forma de um Lobo Branco.

O Duque parecia transparente, brilhante em uma reluzente cor prateada que volitava e passava das janelas do seu castelo sem quebrar as vidraças vitorianas.

— Senhor?! — Falou abismado. — Então você também é do mal — questionava o homem, totalmente em pânico, enquanto os vermes vampiros, cravejados sobre seus eczemas, continuavam sugando o resto de sua energia em cada antebraço.

Ele ignorou o emissor da pergunta e olhou para Liz.

— Então não conseguiu, não foi?! Você não conseguiu segurar seu instinto?! — o Duque fitou Liz ao vê-la render seu “amigo”.

— Me perdoe, Mestre. Eu não consegui — falou sem demonstrar remorso enquanto olhava para as unhas pintadas de vermelho da cor do sangue da vítima.

Agora o duque olhava com um olhar de misericórdia para o jovem dando a entender que então responderia suas dúvidas.

— Não, meu amigo. Eu não sou. Não sou malevolente. Você está vendo o que sou.

Eu sou um Arcanjo, e essa é uma das minhas verdadeiras formas.

— Então o que você pode fazer para me curar? Salve-me desse demônio. Essa **Lilith!** Essa raposa miserável que apunhalou o seu cavaleiro mais fiel!

— Nada posso fazer, meu querido bom homem. A reais verdade é que eu não sou quem dizia ser e ela não era quem você achava que era. Chama-se **Liz Bathory**, uma

imortal. Elizabeth é cruel. Mas juro que tentei compeli-la a abandonar seu estilo de vida, porém não posso interferir no seu livre arbítrio, muito menos no seu instinto.

— E como um Arcanjo pode se unir a uma criatura tão nefasta?!

— Pela misericórdia, meu santo amigo.

— Você a ama?! — De alguma forma, mesmo morrendo, ainda nutria ciúmes pelo duque.

— Amo, sim! Como amo a você e a toda a humanidade.

— Eu não perdoo. Estou morrendo! Que se exploda! O que um Arcanjo pode fazer por mim?!

— Eu posso fazer você não sentir dor. É tudo o que posso fazer. Orar pela sua alma e melhorar sua passagem. Pedir pela sua alma a perdoares no pós-vida por aqueles que não sabem o que fazem.

— Então não me reviverá?!

— No estado em que está... Infelizmente não, meu pobre amigo. Nem um Arcanjo poderia salvá-lo em tal estado.

— Então me tire essa dor. Mas tire a dor do coração, em especial. Essa é a mais dolorosa.

— Ok, meu amigo.

Ele recebeu um passe magnético e dormiu. Por horas dormiu com uma expressão de pânico impressa em sua face, lembrava um dos penitentes de Dante Alighieri desenhado por Gustave Doré.

— acorde, Jerome. — Liz sacodia o rapaz, agora totalmente renovada, vestida e esplêndida como uma deusa.

— Vá, me diga. Por que me enganou, víbora?! — A face do homem beirava o ódio. Ela nada falou, olhou para ele, tentando sentir dó.

— Eu vejo que está cada vez melhor. Qual o porquê desse silêncio?! Quer saber se eu melhorei?! A resposta é não! Eu estou morrendo, não sinto mais nada. Responda-me, Elizabeth. Existe um coração aí?!

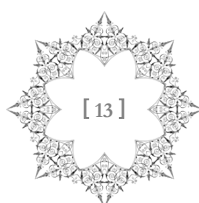
— Acho que...

— Acha...?!

— Sim, com certeza eu melhorei. Cheguei a amar alguém. Você. Eu amei você.

Jerome em seguida deu seus últimos respiros e, antes de falecer, teve seu corpo contorcido. Houve logo após um esvaziamento sonoro, era a última instância da luta das suas entranhas e o oxigênio permeado por um corpo quase oco, sem sangue, o som lembrava uma mangueira de ar sendo murcha por uma sugada de um obsessivo. Faleceu ali.

Faleceu com um sorriso enigmático. Longe de ser o sorriso macabro de Dante. Não; não era. Estava feliz. Talvez tenha bastado a declaração de Liz. Talvez tenha gostado. Talvez tenha perdoado, já que saiu o ***Eu Te Amo*** de sua boca. E fora feita a passagem. Morreu. Mas morreria feliz, de alguma forma.





A P R E S E N T A M O S

Mutilados - Parte 1

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Parte 1

E, assim, o silêncio que fala às multidões, chegou com alegria e sonoridade.

E, assim, o ruidoso sem espalhamento, chegou com maciez do veludo da silenciosidade.

E, então, o invisível João, o das cautelas redobradas, estacionou estagnação e mansidão.

Não chegou como quem chega na triunfal recepção, nem os alaridos das “vivas”, sinônimos das ovações dos convivas, nem estes, coroas de recepção, nem estes, glórias de benvindas, entoaram-lhe os aplausos da instalação. Instalação? Sim, não se instalara por entre os “vivas” não dados e bem saudados? Bem saudados? Sim, pela ausência dos estampidos das “urras” das ovações e pela presença da silenciosidade, posicionou-se na pequena cidade.

É bem verdade que até o prefeito e o “sumo” sacerdote, teologia bem estampada e amorosidade estraçalhada, até este, o rezador do futuro, até este, o fechador dos olhos dos habitantes, até este, diga-se de passagem, até ele, o inspirador da moralidade, num dia de inspiração da cristianidade, ele, o arauto das predições, dissera às multidões:

— Nalgum dia do futuro chegará o profeta João.

— Triunfalmente aportará ao nosso pequeno portão.

— As urras das chegadas serão as vivas das portaladas. Vivas das portaladas? Sim, já as sentinelas das guardas, até estas, em perdendo a compostura, ovacionarão sem as metálicas ferraduras.

— Dia virá em que o rei chegará!

Sei que direis: como o “sumo” da suprema imoralidade... suprema imoralidade? Sim, não o era ele caçador de almas e depenador das alturas? Depenador das alturas? Sim, ao desemplumar das riquezas os trabalhadores das fortalezas, não se envolvia de penachos e não se enfeitava de corrupção? Essa corrupção era tanto o brilhante blusão, como a lapela bem endinheirada, como os roubos dos assaltos. Assaltos? Sim, sem estardalhaço nem alarido, astuciava maneiras e modos de depenar pavões e sultões. Os pavões eram as damas da sociedade, suas amantes das alcovas, aquelas lá no fundo do templo da igreja e, os sultões, eram os penitentes que roubavam aos parentes. A estes, por penitência do perdão, entregavam-lhe riquezas e polimento.

Mas, e como, o da imoralidade, disfarçado em batina do verniz do engano, conseguira desvendar do futuro, o manto do pano? Como profetizara a futura chegada do silêncio do João?

Se puderdes lerdes estas descrições, ele, o imoral das vestes sacramentais, o despudor escondido na casca da batina, o enfeitado da latrina . . . enfeitado da latrina? Sim, não era ele próprio dejetos das fezes dos traiçoeiros primeiros? Então, ele, o imoral das vestes, estas das piores pestes, não deduzira silêncio da chegada do João, mas sim, triunfalismo da vibrante recepção... não queria ser ministro primeiro o vil interesseiro?

A caricatura da previsão fôra a cilada do dragão que, ao acostumar o padre da deserção à feia situação, ensinara-lhe modos e meios de antecipar a visão. Só que, por malícia de natureza da perversão, distorcera o final da elucidação. Como, direis, o astuto da malícia, o demônio do embuste, enganar até ao seu discípulo da instrumentação? Não era ele o aluno da calamidade? E que se portava como espião do mal, lá, naquela pequena cidade? Ora, acostumados ao mal e desacostumados às lições da maldade, não é o leão das trevas das fuligens, o que “urra” com as orações das destruições? E, em assim o fazendo, nessa contaminação de atuação, também não destrói o ensinado e padre ao mal devotados? Como é traição por dentro e só tentação por fora, não se furta a escapar de destruir até às suas mãos dos seus membros de atuações: não são seus filhos/vilões?

E, assim, o João da negação do recado incompleto da visão(aquela visão do falso profeta, sacerdote da imoralidade, orientador teológico da perdida pequena cidade) chegou sem ovação nem recepção. Somente os recados dos lenços pequenos brilhavam nos espelhos dos lampejos. Espelhos dos lampejos? Sim, aos pobres enganados, habitantes mendigantes, não restava só o poder abanar com os olhos da alegria ao silencioso do silêncio carinhoso? E eram esses olhares dos panos brancos das saudações, as únicas ovações. As mansidões que se cumprimentavam pelos olhares umedecidos ao abaixo dos brancos estabelecidos nas retinas abraçantes, eram as comunicações das setas de veludos que, invisíveis no toque, eram concretas nas adorações. Concretas nas adorações?

Perspicazes direis, sei que direis: mas qual o porquê da silenciosidade nessa receptividade? Por que tanto sigilo na chegada do rei das calmarias? Por que tanta cautela de boca fechada e tanto receio de alegria estampada? Será que o prefeito era marxista perfeito? Desses que esconjuram todo espiritual amor e todo sobrenatural destemor? Será

que o “sacerdote” das traições que envolvem as retaguardas das chegadas, amarrara má visão de acerto em certa correia de mordança? E esta, a mordança, seria o pano preto do grito impedido? Ou, por outro lado, decreto assinado, do prefeito ovacionado, não pelo povo do município, mas pelos corsários negros das vilas dos dejectos, operários funestos, escravos pretos da maldade, diabos inferiores, será que esse executivo da corrupção e aluno do dragão, teria eliminado a alegria exposta e o sorriso da esteira? Sorriso da esteira? Sim, ao esmaltar os dentes, também não esmalta o caminho das boas vindas? E não é esse caminho uma esteira de recepção?

Isso, inteligentes raciocinais, são deduções do bom senso, filhotes neuroniais, conseqüências deducionais.

E aquele monte de carne viva, do brilho do cruel morticínio, assassinato da voz da recepção, não é agrandado lixo da fala atirada às imundícies? Se notardes no ao após limite da má urdidura, lá atrás da prefeitura, há um monte de lixeira da pior besteira. Pelos vãos circulares dos urubus das carniças e, pelos vãos espetaculares da destruição em ação, formaram-se os montes e a desafinação.

E o silêncio fez morada nas casas e nas ruas ensolaradas.

Apenas os ruídos dos irracionais animais ecoavam patas e garras nas calçadas estremecidas pelo medo e, pegadas abandonadas, dos humanos destacadas, em dias anteriores, somente estas marcas, lembranças de bonanças, ecoavam sorrisos e conversas das animações. Hoje, só o sepulcral medo da saudade das vozes eram os passeadores dessas esteiras algozes.

Os 2 sócios da maldade em ação, por visão da bondade de chegada, em sendo “bons” discípulos do feioso da destruição, tinham fechado bocas que sorriem e, ao impossibilitarem falas que comunicam, abraços que recebem, por antecipação da ovação, eliminaram línguas e saudação. Embora o recado do “professor” das desditas fosse de malícia que até ao sacerdote enganara por distorção de visão, falso profeta da confecção, este, por inspiração da alma da maldade, aquela da cor da consciência dessa condolência, por esse instinto de fuligem da cremação primeira, lembrança ligeira, por esse motivo, ao conluir-se em laço de perversão o prefeito e o vilão, disseram aos guardas das mesmas condições: — ide e degolai a fala da linguagem da bondade.

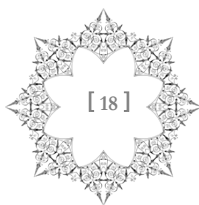
— Ide e acertai o instrumento de comunicação.

— Facas afiadas e maldade em ação, afugentem afinação e conversação.

— Lágrimas à parte, o que mais convém é sepulcro de amorosidade... não somos de inferior cidade?

E os policiais, também corruptos das destruições, agiram céleres e certos nos corações primeiros. Corações primeiros? Ora, não é a fala e a conversação o coração do entendimento?

(CONTINUA)





A P R E S E N T A M O S

Mutilados - Parte 2

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



PARTE 2

Os mudos habitantes, estupefatos dilacerados, habitaram silêncio de comunicação. A cidade dos mudos foi inaugurada com a lâmina fundamental do pior punhal: a maldade operosa dos pedreiros das carnificinas. . . não são de rebaixadas oficinas?

Mas, apesar disso tudo, situação de espera, o João da chegada chegou em carruagem de silêncio. . . não sabia ele, o profeta da verdade, que a sua terra natal era, agora, fala sepulcral? E não sabia ele, profeta do entendimento, que os seus irmãos de sangue no nascimento de outrora, eram, agora, escarlate de morte do sangue escorrido? Não sabia ele, o arauto da recepção aos sacrificados sem perdão, que o amontoado das vísceras das bocas santas das saudações aos santos seriam, na sua chegada, mortalha amontoada?

Por isso tudo, já azeitara rodas em veludos do silêncio e pusera sedas de abafamento em estopas sem atrito, nos agudos cascos dos condutores da sua carruagem da Superior Mensagem. Como eram invisíveis, João e atreladuras, não havia nem ruídos de ferraduras, nem possibilidade de guardas dos rancores, aqueles que destruíram amores, desses policiais da corrupção, cortarem a chegada e, à do bom João, língua e perdão. Língua e perdão? Ora, não era o pregoeiro da salvação, a Fala que Comunica e Perdão que Ressuscita?

Só os olhos dos pobres moradores, sacrificados espoliados . . . espoliados? Sim, não estavam da vida, degustados? Degustados? Ora, quando se lhes cortara a língua, não sentiram o gosto do próprio sangue? E essa não é uma degustação da própria imolação? Não se imolaram em desgosto na degustação da própria carne do seu interno pássaro canoroso do seu melhor cantador da sua superior racionalidade?

Mas, como dizia, só olhares de saudações e só sorrisos de recordações . . . sorrisos, ora como sorrir o sem língua e o com cicatrizes das falações? Isso tudo não são falácias dos falsos profetas, escribas de hoje, traições das ilustrações? Ora, não já disse no ao início que o João falava às multidões e o seu silêncio de irradiação não era uma superior composição? As recordações dos “sem línguas” eram sorrisos recordadores . . . lembravam-se das alegrias anteriores, antes da ação da lâmina de destruição.

Mesmo assim, prefeito e sacerdote e guardas da corrupção, ergueram crucificação no ao centro da praça do templo, com esperas de madeira e lenho de ilusão: forjaram, dias antes, ensaios de enganos às multidões dos habitantes e disseram-lhes:

— Nessa cremação sem ilusão, crucificamos invisível personagem, por antecipação da atuação.

— Se chegar o futuro profeta da vossa esperança, já está morto por essa nossa má ação.

— Não espereis salvação nem retorno de fala, nem visão de melhor explicação.

Assim, por perversão de má sentença na pública praça, tentaram iludir ao povo sem arruaça. Sem arruaça? Sim, não haviam perdido a língua em corte de traição?

Alguns, iludidos pela falsa guilhotina da sua futura voz de esperanças, ficaram mais emudecidos que os seus dizeres perdidos, Outros, os mais otimistas, não acreditaram na encenação dos 2 alquimistas. Não eram eles, prefeito e sacerdote, químicos das pérfidas descobertas? E adoradores, os dois, dos falsos tesouros?

O verdadeiro profeta, o invisível da invisível carruagem, chegou como bonança na matança. Entrou devagar e saudador da multidão com a conversa da silenciosidade do seu Amor. Conversa no silêncio imperador? Sim, não era perfume que se irradiava como bondade da felicidade? E não eram estes aromas das comunicações, tesouros das ovações, bem recebidos e melhor compreendidos?

Não sabiam os mudos das línguas cortadas, que o Amor da Visão sem Defecção lhes chegava como Rei da Salvação? Não tinham certeza da Superior Fortaleza? E da sua futura restauração, da fala e da sua comunicação? Não sabiam eles, os mutilados pobres coitados, que a imposição das mãos do invisível que chegava era amorosa recepcionada?

Semana após essa chegada, a antiga cidade mutilada, ovacionada pela mutilação e desencantada pelo feio dragão, agora, recomposta pela chegada da Chegada, apresentava nova visão e renovada situação:

— Prefeito e falso confeito, o espião da tentação, o vilão da traição, como também os policiais da corrupção, com as línguas expostas, no cadafalso erguido para a invisível cremação por antecipação, todos eles, crucificados estavam nessa coluna mortuária.

— Moradores da bondade da invisibilidade do silêncio da restauração, em posições de genuflexão.

— Sopro do João, presença nos corações e atuação nos pulmões, a rezar por essas bocas das falas que sintonizam. Que sintonizam Ora, não é o mesmo sopro e não é o Superior Assopro?

Sei que direis: ora, o João da salvação, adoração e oblação? Posições genuflexas à maldade escancarada no pedestal da ilusão?

E o ritual do templo da Verdade seguiu em oração de perdão. Perdão? Ora, como perdoar aos dizimadores das orações? Ao lhes cortarem o centro da fala, não lhes impossibilitara de orarem ao centro da oração?

Eis que, por continuidade do ritual, ao caírem os do funeral da adoração, centro da fala da praça da decifração, ao lhes caírem as línguas expostas, por impulso das orações, estas foram cortadas e ao chão atiradas. No mesmo instante, fenda aberta no seu ao abaixo, em horrenda abertura, levou-os para a antiga moradura: retornaram as bífidas dos espiões aos seus inferiores antigos porões. Agora, pelo menos, maldades de dizer atraiçoadores não serão comunicadas em línguas da exploração.

Em seqüência, por continuação de oração, caíram os corpos do prefeito e o vilão da falsa moralidade: esses, ao invés de retornarem à inferior cidade, foram emoldurados em 4 molduras de lembrança da matança e colocados em quadros de advertência nas salas dos ensinos das vidas do futuros moradores.

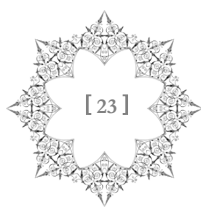
E os corpos dos corruptos policiais? Esses, ainda hoje, apesar das orações, ainda continuam a morar em vossas cidades dos vossos dias. E são esses corpos, os de hoje, os que continuam com as falsas falas das maldades . . . e são essas falsidades as que, ainda hoje, continuam a contaminar a novos prefeitos e a novos sacerdotes.

Sei que direis: mas, nem a chegada da Bondade em Ação, nem a derrota do mau prefeito e do “sumo” teológico da desgraça das batinas que iludem, inspiradores dos guardas, apesar de discípulos do dragão, nem esse veludoso amoroso, com a sua incrustação na população, nem isso conseguiu levar feliz final a essa história triunfal?

Não, nem isso tereis nessa história de simbolismos, nem isso tereis em vossas vidas de vossas cidades: enquanto existirdes, como desterrados nessas cidades dos emudecidos pelo degredo do Éden das primícias, onde o susto do pecado original, sem originalidade na criação e com maldade na comunicação, ao cortar a língua da obediência, enquanto moradores nas cidades das mortes em vossas existências, aquelas situações continuarão a existir. Apesar de o Filho Dileto da Comunicação Angelical do Veludo da Restauração, ter sido enviado como profeta da Alegria, vossos líderes das falsas profecias

e das matanças das vozes dos do Bem, ao emudecerem o canto do Pássaro da Libertação, ao mutilarem a Ave da Elevação, destinaram destino original com o sinete da marca do mal. E é esse mal do pérfido animal o que vos conduzirá sempre e sempre... até o término do vosso mundo das temporais irracionalidades... não sois de pequenas cidades?

Eu, o Silêncio que Liberta





A P R E S E N T A M O S

As pedras do Itaguaçu

Por Clarice Desterro

Clarice nasceu em 16/02/85 nesta Ilha de Santa Catarina é a personificação artística, a IA (inteligência artística) de Marcelo Aguiar. Clarice trafegou por vários estilos de arte, desde a pintura, cerâmica, escultura e outras, agora realiza uma viagem pelo mundo literário. O homem por trás de quem faz a arte, Marcelo Aguiar, também ilhéu, nasceu em 10 de agosto de 1962, e tem como propósito, escrever. E por que escrever? Para perpetuar as mais doces mentiras...



A canoa embicava a proa em direção à praia, seguindo a luz tênue dos postes de iluminação pública. Mesmo se não houvesse os postes de luz, os homens que guiavam a pequena embarcação entrariam na barra guiados pelo instinto marítimo. Eram pescadores e sabiam “ler” a maré e a noite, com ou sem estrelas, e também a distância que os separava da terra.

Na praia do Itaguaçu, destino daqueles pescadores, uma fogueira crepitava, com altas labaredas, enquanto pequenas tochas circundavam um certo trecho de areia. Ali, envoltos por aquele círculo de fogo, algumas sombras se manifestavam freneticamente, como chamas de vela dançando ao sabor do vento, movimentando corpos e intenções.

Os homens, acostumados ao árduo trabalho do mar, a puxar redes e remar por horas a fio, contra a maré ou a favor do vento, arregalaram os olhos com grande estertor, admirados com o espetáculo “bruxólico” vindo da costa. À medida que se aproximavam da praia, a uns cinquenta metros da orla, estacaram o barco, baixaram a ancora — uma pedra amarrada em uma corda — e prepararam o espírito diante da magnífica performance.

Estavam ali, em um transe alocado e com movimentos insinuantes, umas oito mulheres, seminuas, dançando voluptuosamente, levantando areia, elevando vozes em um coro apavorante, enquanto eram rodeadas por criaturas inferiores, bestas alopradas oriundas da mais profunda grota infernal.

Os quatro pescadores, homens de elevada dedicação aos bons costumes, tementes a deus e compromissados com a missa dos domingos — apesar de vez ou outra encherem a cara com cachaça de fabricação duvidosa, ou “engatinharem” na direção das donzelas das casas de luz vermelha como animais irracionais atrás do cheiro inconfundível da fêmea no cio —, logo reagiram com o vislumbre fantástico de tamanha orgia.

— Mas ali, num é a Candinha da Inácia, aquela que foi estudar na cidade? — questionou um dos pescadores.

— Pois intão, tô vendo ela e a Gorete do Rafaeli, coitado, que num vai creditá que a muié tá aqui na praia dançando com as besta — indignou-se outro.

— Qui caterva de mulé esquisita, rapazis! Num tô vendo a hora da gente se mandá daqui antes que o troço ingrumi — falou um terceiro pescador, pegando o remo para tocar a canoa de volta.

— Vambora não, vamu vê onde essas mequetrefi vão parar — disse Quirino, o dono da rede de pesca. — Se num tô vendo coisa, tá chegando um senhor engravatado, todo de preto e imprumado, vindo ali de cima na estrada. Tão vendo?

O que se viu em seguida foi uma cena de queimar os olhos da curiosidade. Um levante satânico teve início, com palavras obscenas, atitudes agressivas e muita gritaria endemoniada. As mulheres se atiraram sobre o recém-chegado com ares de guerra, possuídas por um atravancado estado “fadórico”, cuspidando fogo pelas ventas e gesticulando feitiços mirabolantes, transformando-se em bestas espectrais.

Aquilo era uma convenção de bruxas, uma festa demoníaca, e a presença do senhor do inferno — sim, pois o recém-chegado nada mais era que o senhor absoluto da tristeza infernal — não foi aceita pelas quiméricas e empoderadas mulheres bruxas.

Contudo, o homem garboso ali presente não era pouca coisa e, no auge de todo o seu poder e raiva por não ter sido convidado para a estonteante festa bruxólica, transformou as raparigas em pedras, num estalar dos dedos ossudos e peludos, deixando-as ao sabor do vento e das marés. Após a extrema demonstração de força, o robusto senhor evaporou-se, explodindo o ar e deixando para trás um fedor nauseante de enxofre; sumiu, escafedeu-se para o espanto dos pobres espectadores.

Os quatro pescadores arremeteram o barco pela costa marítima, desembocando na vila mais ao sul. Aprumaram as coisas e correram, como se o próprio diabo estivesse vindo em seus encalços, indo bater na capela de padre Ambrósio. O pároco e as beatas de plantão, que faziam a limpeza nos arredores da distinta igreja, ouviram toda a malfadada história e nem bem havia amanhecido o dia, saíram distribuindo a falação pelos quatro cantos, para o desespero e assombro da população local.

As meninas do escritório haviam se reunindo. Não podiam mais suportar as investidas do chefe, o intendente local da vila. O homem, de uma “máscula” supremacia de poderes e direitos, fazia-se de galã, exigindo prazeres de suas funcionárias sempre que podia, com a promessa de demissão caso não fosse atendido. Naquela noite, elas iriam se reunir na Praia do Itaguaçu, relaxar e combinar alguma atitude contra o famigerado patrão. Talvez uma denúncia à Secretaria do Trabalho, já que o posto policial estava sempre de conluio com o audacioso intendente.

Já na praia, estourando cervejas e comendo petiscos que dividiam com os viralatas que sempre apareciam quando sentiam o cheiro de carne assada, as mulheres assediadas traçavam uma estratégia de denúncia para ser entregue às autoridades competentes. Cândida Maria, secretária do intendente, uma das novas contratadas, não

cabia em si de raiva, tamanho o desaforo do chefe. Gorete, a “mulher do cafezinho”, sorria sem graça ante as declarações das outras, afirmando os abusos e impropérios recitados pelo homem.

A intenção das mulheres era relatar tudo em um único documento, registrar em cartório e encaminhar à Secretária do Trabalho. Como garantia de que os órgãos públicos não sofreriam qualquer tipo de influência do notório intendente, o Sr. Luiz Sifório Correa, uma cópia do documento iria ser entregue ao jornal da cidade, delatando assim os abusos e assédios cometido pelo garboso político.

Resolveram se encontrar ali, fazendo uma espécie de luau à beira-mar para, além de desfrutarem de um lugar reservado, darem a si mesmo um pouco de relaxamento de modo a aliviar o estresse causado pelas situações vexatórias às quais o homem as expunha. Acenderam uma fogueira, trouxeram algumas cervejas e uns espetinhos prontos para a degustação. Promoveram uma dança para expurgar a raiva e cantaram maldições ao galã, tudo regado a risos e abraços.

Não esperavam, porém, que o homem tivesse olhos e ouvidos em toda a vila. De mansinho, trajando sua indumentária de ocasião, um terno rígido e engomado, botas de montaria e um chapéu de dar inveja a qualquer ator de faroeste americano, tudo em preto “ofuscado”, o homem aproximou-se com ares de ofensa, os olhos cheios de uma perversidade insana. Levou as mãos à cintura, como os pistoleiros dos filmes e aproximou-se, firme e forte, mas com intenções de, talvez, engabelar algum coração arrependido.

Com o arrebatamento desenfreado de Cidinha, aliada à atitude ríspida de Maria Salete, secretária de comunicação de eventos, o homem foi enfrentado e coibido de se manifestar. As mulheres estavam, quase todas, em comum acordo de denunciá-lo por assédio sexual e moral às autoridades e à imprensa. Só Gorete ficara para trás, meio ressabiada com toda a situação, com medo das consequências que poderiam advir daquela manifestação.

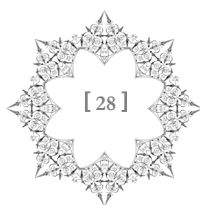
Entretanto, não deu tempo para arrependimentos. O estampido seco e mortal da arma certa definhou aquilo que poderia ser uma primeira e oficial denúncia dos atos ilícitos do garboso intendente. Munido de uma semiautomática, bastou um tiro para cada mulher, disparos precisos que fizeram-nas cair na areia fria da praia, mortas. Os cachorros correram, ganhando com os rabos entre as pernas.

O homem, dotado de uma frieza assassina, limpou a arma, guardou-a na cartucheira encoberta pelo grosso paletó e passou a cuidar da limpeza do ato criminoso. Arrastou os corpos femininos, aqueles que seus olhos não paravam de comer, corpos ainda quentes e desejosos, e atirou-os nas águas do Itaguaçu. Assim, garantiu o prosperar do seu poder e influência.

Até hoje, quem se aventura pela Praia do Itaguaçu pode observar as bruxas empedradas no mar, banhadas pelas águas calmas e salgadas daquele recanto mágico e quimérico.

Por enquanto...

Revisão: Mauro Antônio Souza





A P R E S E N T A M O S

Batismo de sangue

Por Fèrnanda Pimentel

Fèrnanda Pimentel é escritora natural de Campos dos Goytacazes- RJ, onde leciona Língua Portuguesa desde 2013 na rede estadual. Lançou em 2023 a primeira obra poética intitulada Oito Taças, na qual mergulha em temas como: misticismo, mitologia e psicologia. Sempre com o intuito de adentrar as várias faces do feminino, oferecendo o lugar e a aceitação que merecem.



Entrei.

Vim,

mesmo sem a certeza

de que sairei.

Talvez só se alimente

um pouco da minha beleza.

E eu...

tomei coragem para iluminar

o desespero

do que ainda não sei.

A velha da floresta tira,

Mas será que também dá?

Agora é um pouco tarde

para não ser sentenciada

como presa.

Procuro pelo fogo.

Ela aponta

com a unha curvada

para o caldeirão borbulhante.

Diz que falta um último ingrediente

ao ler no caderno de receitas de bolo.

A verdade saltada dos olhos

Pede que eu fale

de uma (ir)realidade distante.

Afirma que não saio.

Enquanto não tiver

as vestes queimadas.

Mas como saber se o que digo

não é uma lembrança esfumaçada que traio?

— Fareje as respostas bem no meio

das mentiras que são contadas.

Existe um teste de vida.

Sinto que a qualquer momento,
posso pisar em falso.

Debaixo das tábuas de madeira,
escuto cansadas batidas.

Só terei chance de me conectar
estando com os pés descalços.

— Não superestime a possibilidade
de ser fatalmente enganada...

Bruxa ou santa,

Todas temos nossos sentidos
anestesiados.

As mulheres que fugiram
tiveram algumas partes mutiladas.

Eis o batismo de sangue:

O único caminho para conhecer
sobre os mistérios que tem procurado.

As mensagens foram todas trocadas.

É como estar num jogo
de roleta russa.

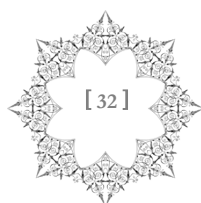
Mas somente a minha estranha
pode ser enfeitiçada.

Há uma única chance,
se eu despertar a selvagem
que cheira e fuça.

— Depois do ritual feito de fogo
só restará você.

Nenhuma parte de fora

consegue reunir forças
para ser sacrificada.
Nada permanece de pé
depois do que se vê.
Veremos se a essência
pode suportar
o vazio
das coisas inominadas.





A P R E S E N T A M O S

Aliciar você

Por Juliana Pereira Guimarães

Nascida no Rio de Janeiro, em 1992, a autora se dedica à arte da escrita e da dança. É doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui Mestrado em Linguística Aplicada e Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Graduação em Pedagogia pela Universidade Veiga de Almeida. Em 2005, na sua adolescência, começou a escrever poemas, contos, romances e letras musicais.



Numa sexta-feira, uma bruxa moça chamada Alícia começa um feitiço para trazer de volta o seu amado, Aron. Por um lado, o feitiço pode ter sido bem-sucedido, pois ele a procura com segundas intenções.

No nevoeiro, Alícia está sentada num canteiro e, ao seu lado, uma mão surge da terra segurando uma foto. A bruxa moça toma e observa a foto.

Determinada, Alícia começa um ritual: acende velas vermelhas, espalha mel, um pouco de pó de café e, por último, uma calda vermelha pela foto de Aron. Em seguida, ela passa o dedo, lambe e entrega a foto à mão que se soterra.

E a bruxa moça ruma:

“O que eu faço para não perder a razão?

Busco a verdade dentro do seu coração?

Sonha a realidade pode ser em vão

Busco a verdade e vivo esta paixão.”

Na tenda mística, em cima da mesa de Alícia, uma bola de cristal mostra a palavra 'aliciar' e fala com uma voz rouca 'aliciar'. Em meio a vários incensos queimando, Alícia se vira rápido com uma carta na mão.

Alícia lança perfume no ar e, de repente, Aron entra na tenda e troca olhares com ela. Pouco tempo depois, a bruxa moça bem sedutora começa a digitar com o seu teclado e, na sua bola de cristal, tal texto vai surgindo:

“Aliciar você toma o meu espaço.

Buscar o prazer não deve ser pela metade.

No jogo do poder, tudo é mágico, tudo é mágico.

Você quer vencer sem lealdade.

Como amador, acredita no que te falam.

Explodindo no corredor, é melhor você parar.

Quem diria você, quem te viu, quem te vê.

Suborno automático,

Somos ligados pela vaidade.”

Alícia pensa que conseguiu conquistá-lo, mas se surpreende, pois, Aron conta de uma menina que deseja aliciar. E ele diz: "Quando a percebi, ela se alegrou, mas depois mudou.

A vaidade é a mais pura verdade desta ilusão.

Partiu meu coração,
Eu chorei.
Mas tudo era incerteza.
Não há como desfazer.
Sentia a verdade dentro do meu coração.
E a maldade dela me fez muito mal.”

Alícia pede a Aron que lhe mostre a foto. A jovem, ardendo de raiva e paixão, quer saber apenas isto: “quem é esta outra? bruxa? fez feitiço?” Aron oferece-lhe a foto, mas Alícia não deseja encostar no pedaço de papel fotográfico. Então, ele retruca:

“Não queria te ver assim dependendo deste jogo, nossa afinidade.
Imponho respeito da minha parte sem problema nenhum.”

Alícia começa a ler um livro monstruoso e gigante, como também ignora Aron, que fica sem saber o que dizer. Mas ele pega a carteira e põe dinheiro e a foto sobre a mesa. A bruxa moça tenta devolver o dinheiro, mas Aron não aceita.

Alícia volta a ler o livro negro. E, de repente, quando Aron lhe dá as costas, ela congela o tempo dele, pega um perfume e exala nele.

Logo, ela fala:

“Eu me apaixonei e você me pisou com a maldade.
Não há realidade que possa existir assim.
Dos contos, tenho saudade.
No seu olhar, eu vejo jogos de cumplicidade.
Não vou te negar a verdade.
Mas você prefere os olhos dela.
Dura verdade que me atormenta os sentidos.
E me sinto mal,

porque tenho que fingir que não estou aqui nem para você e nem para mim.”

Em seguida, Alícia se senta na mesa e o descongela. Aron fita o olhar em Alícia por alguns segundos e sai da tenda.

No templo do tarô, sobre a mesa do mapa astral, Aron joga as cartas que dizem para Alícia:

“Eu quero te aliciar, e aí vai confiar?
E pretendo chegar longe; aonde ninguém nunca chegou.
Agora me diz se o seu amor é o mesmo que o meu.

Nós dois amamos e vamos alcançar?

Sair desta vida? Ir para outro lugar?”

Em seguida, Aron se aproxima do rosto de Alícia, ansiosa por um beijo. No entanto, logo ela é surpreendida com a foto da menina bem perto da sua face. Alícia se afasta e decide usar seus outros poderes místicos para aliciar Aron.

Na locanda de lenços e espelhos, Alícia dança com seu quadril, suas pernas, seus pés, seus braços, suas mãos, seu tronco, seu pescoço e sua cabeça. Logo ela bate palmas e entram duas ciganas. Uma cigana segura um caldeirão e a outra cigana segura um copo e concha. Alícia prepara uma porção que pretende oferecer a Aron.

Enquanto isso, no salão preto com correntes douradas penduradas quase até o chão, Aron, sentado no seu trono, admira a foto da menina misteriosa. Minutos depois, ele recebe o telefonema dela que o convida para jantar. Ele aceita e desliga. Em seguida, caminha até o espelho e sorri um sorriso sarcástico.

Em outro espelho, na locanda de lenços e espelhos, Alícia viu tudo o que aconteceu. Logo começa a ventar forte, de modo que os panos voam e soltam, os espelhos caem no chão e quebram.

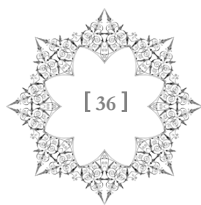
Alícia é levada pelas ciganas ao salão preto com correntes douradas e se senta no trono de Aron. Olha tudo ao redor e uma lágrima cai dos seus olhos, enquanto grita:

“Não é fácil ter que sair de um lugar e ter que ir para outro lugar, oh!

Só para não ter que escutar seus planos de alcançar o seu amor, oh!”

Há um desencontro, pois Aron não está mais lá. Ele está de ponta a cabeça todo amarrado por cordas, na caverna dos gatos. Tão desesperado, ele pede ajuda para um gato.

No santuário das velas, mais da metade das velas vermelhas estão se apagando. E, assim, as ciganas enrolam um lençol branco em Alícia, bruxa moça empoderada, que acende uma vela branca e gargalha.





A P R E S E N T A M O S

O mundo desencantado

Por Luciana Ferreira da Silva

**Mineira. Cientista Social, Mestre em Política Científica e Tecnológica.
Doutora em Educação. Docente na UNIFESP.**

Acesse: lucianaferreiradasilva.com



Em vários cantos do planeta, atenciosamente, magas observavam os sinais. Hécate, a líder de todas elas, em conjunto com as que compartilhavam de seu convívio direto, emitiram os avisos há décadas. Os sinais viriam com sucessivos eventos climáticos extremos e sobrepostos. Eles aconteceriam em todos os cantos e seriam incontáveis e severos. Os sinais seriam consequência das inadvertidas investidas de patriarcais que subjugariam a imensa maioria das criaturas medianas existentes no planeta. Esses, os patriarcais, contariam com a ajuda de criaturas medianas treinadas para retirar toda magia do planeta.

Hécate, era pura magia que encantava a essência de uma linhagem específica de mulheres, se materializando por gerações. Sua linhagem possuía diversas ramificações e suas parentes habitavam locais estratégicos do planeta Terra. Essa linhagem não era a única encantada existente — havia dezenas de outras, cada qual com suas especificidades e encantos. Todas elas, desde o princípio, eram as que cuidavam, chamadas pela palavra significativa: bruxas. Cabia a elas todo o cuidado existencial e de vivacidade, para tanto, eram providas de inteligência mágica. Eram sensíveis, empáticas e, muitas vezes, pragmáticas. Os objetivos de suas existências eram, para elas, bastante claros e transparentes. Se alguém ou alguma coisa fosse produzida para desviar do cumprimento dos objetivos do cuidar, simplesmente seria inadequado e passível de destruição. Elas pronunciavam, em todas as partes que habitavam, ao final de cada ação necessária, em latim: “Cogitare!” Essa palavra, ao ser pronunciada, ecoava e transbordava, se transformando em imagem e ação, em cuidado materializado em fazeres coletivos e comuns. Assim, por milhares de anos, contribuíam para a manutenção do bem-viver no planeta. Elas desafiavam as mentes e todas as concepções humanas da indivisibilidade da alma, conseguindo coexistir em corpos diferentes ao mesmo tempo, e em cooperação. Pareciam ser uma ideia ou pensamento coletivo, mas, com materialidade encantada e encantadora. Tais características desafiavam todo o léxico existente no mundo terreno. Por óbvio, tamanha singularidade, poder e determinação gerou medos, desconfianças e invejas, sobretudo dos seres patriarcais diminutos em sua essência, mas, grandiosos em ganância e busca pelo poder.

Em certo período secular, antes dos sinais se mostrarem nítidos, o embrião do golpe contra elas se revelou em planos denominados de desengano. Os patriarcais conseguiram se organizar e criar artefatos para atacá-las de todas as formas. Propagavam racionalidade

instrumental, e maledicências como: magia e encantamento não existiam; eram do mal; não evoluídas e sem funcionalidade para manter a existência das criaturas medianas e uma série de outras difamações. Os patriarcais, por sua vez, eram apenas seres mundanos e materiais, de todos os gêneros sexuais. Suas essências eram parcas e densas. A inteligência era diferente das demais criaturas medianas, mas utilizavam para manutenção de seus poderes terrenos e egos. A superioridade era ilusória, afinal, não conseguiam perceber serem da mesma espécie. Eles eram finitos na Terra, deixavam legados cravados na hereditariedade e, desse modo, suas ideias ganhavam continuidade adaptada a cada tempo histórico. Eram sempre rivais das bruxas, em todos os ciclos de suas existências. Os patriarcais as abominavam, pois elas eram a maior prova de suas pífias existências e inferioridade. Os sucessivos ataques ocorriam, sobretudo, de forma regionalizada. Em alguns períodos da história, eles conseguiram atacar em mais territórios simultaneamente. Em determinada época, ganharam organização maior e conseguiram êxito prolongado em suas perseguições. Isto se deu após criarem um segmento diferenciado entre as criaturas medianas, denominados de cientistas convencionais. Nem todos eles foram fáceis de treinar, alguns se rebelavam, mas, em vão, diante da maioria funcional dos patriarcais. A estratégia era impregnar o ideário das criaturas medianas de que, sendo essas apenas mulheres, não poderiam pensar o cuidar de forma mais elaborada. Portanto, ao fazerem poções, alquimias, ações medicinais e medicamentosas e, especialmente, atuarem com o clima, inclusive prevendo-o, eram por estarem possuídas por seres demoníacos. Afinal, disseminavam que mulheres eram desprovidas de tais capacidades de raciocínio, cientificidade e lógica e, sendo assim, eram inaptas a agirem de tal forma, ou seja, se conseguiam tal feito era por estarem possuídas. Com tal discurso e série de ações planejadas, conseguiram eliminar várias delas de forma extremamente violenta. Assim, queimaram várias bruxas cientistas encantadas. Mas, a ação foi concentrada em alguns territórios, não se expandiu por todo o planeta.

A situação revelada pelos sinais era de maior gravidade, Hécate antecipara. Hordas patriarcais, insatisfeitas com a resistência milenar delas, mas, sobretudo, focadas em expansão de poder material, orquestraram, globalmente, ataques ao imaginário das criaturas medianas. Os patriarcais foram pacientes, meticolosos. Seus líderes estavam ocultados por uma arma que atingia o ideário das criaturas medianas existentes. Com isto, suas intenções egoicas foram se mostrando, falsamente, como civilizacionais e humanitárias, portanto, carregaram em seu bojo um sentido de verdade universal. O

desencantamento do mundo deveria ser chamado de racionalidade instrumentalizada. E para isto, usariam da distorção de elementos fundamentais também utilizados pelas bruxas, especialmente a ciência. Começaram, então, a atuar, transformando o conceito de cuidar para substituí-lo por produzir e o de ser pelo de ter.

Disfarçando a alegria pelo êxito, a horda de patriarcais se comunicava para comemorar mais uma importante façanha na estratégia de ganhar poder. Eles queriam que as criaturas medianas comesçassem a se apresentar mutualmente, não mais descrevendo sua essência, mas suas profissões. Observaram atentamente o cotidiano e, conseguiram. Finalmente, para eles, criaturas medianas ao se encontrarem se apresentavam como almejavam. Um exemplo: “Olá, quem é você? A outra respondia: Sou marceneiro na vila vizinha”. Com isto, os patriarcais se deliciavam em regozijo. Eles conseguiram fazer com que as criaturas, por elas mesmas, introjetassem o labor da produção como algo que os definiria enquanto seres. E, dessa forma, engajaram milhões em seus planos de ter e poder através da produção que não interagia com o encantamento do mundo. Tudo era visto como mercadorias, inclusive as criaturas medianas, todos os outros animais, ou seja, a natureza em geral.

Assim, os patriarcais avançaram seus domínios por séculos. As bruxas sabiam que os sinais eram esses, sem a menor dúvida. Elas foram resistência milenar, mas, o auge dos patriarcais chegara. Não havia amplos espaços para a magia e encantamento, tudo se tornou material e produtivo, inclusive o maior desejo deles: o chamado lucro. Esse se reproduzia aos milhões por si só — lucro gerava lucro, que gerava mais dinheiro, advindo de mais dinheiro. Muitas das criaturas medianas se sentiam melhores do que as outras e as subjugavam. Assim, os mais funcionais das criaturas medianas promoveram ampla expansão da ciência para a produção e reprodução dos ideários dos patriarcais. As bruxas ficaram isoladas e invisíveis. Servindo aos patriarcais, as criaturas medianas engajadas em engenharias e ciência convencional criaram, indiretamente, o aumento da emissão de gases existentes na atmosfera que aqueceram o planeta Terra de maneira irreversível. Com isto, nada mais seria igual. O mundo se desencantou.

As bruxas, cada qual em seu território, usaram seus poderes coletivamente para lançarem a última tentativa de encantar as criaturas medianas. Mandaram sinais diversos e múltiplos para que todas as criaturas medianas percebessem que deveriam cuidar magicamente. Algumas das criaturas medianas, inclusive cientistas convencionais,

conseguiram ser tocadas pela magia. Todavia, a imensa maioria não. O triunfo dos patriarcais gerou um enrijecimento da energia de cada um deles que se tornou intransponível para o encantar. Mas, o triunfo dos patriarcais seria mera ilusão.

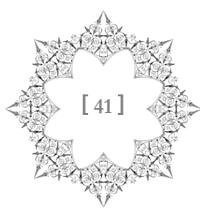
O momento chegara, como bem previu Hécate. As bruxas deveriam se reunir e se teletransportaram para Celtiberos. Esse lugar mágico possuía outra energia e densidade. As centenas de milhares de bruxas que chegaram para compartilhar com Hécate pertenciam a diversas linhagens, mas compartilhavam a mesma vibração. Todavia, ao chegarem, mesmo emocionadas e felizes por estarem juntas, um certo desalento também as impregnava. Assim, uma simbiose teve que ser realizada para que a vivência isolada em mundo desencantado não baixasse o campo vibracional de Celtiberos. Feita a harmonização, o momento mais aguardado aconteceria — o do reencontro de todas com Hécate. Ela era a líder cuidadosa, a que conseguia transmigrar e sintonizar com todas em perfeita magia e encanto. Era encantada e encantadora.

Hécate reaparece e sintoniza harmonia com todas as bruxas reunidas. Celtiberos ficou ainda mais linda, leve e translúcida. Ela, enquanto sintonizava, sintetizava a plenitude. Todas eram, em conjunto, o sentido pleno da leveza e beleza, da harmonia e coexistência. Hécate era todas as bruxas e elas eram Hécate.

Todas as bruxas reunidas receberam, telepaticamente, a magia do propósito daquele encontro. Entenderam que o desencantamento do mundo, realizado por séculos pelos patriarcais, nada mais seria do que a derrocada total desses e seus aliados. Ao contrário do que eles mesmos acreditavam, o caminho da transformação do cuidar em apenas produzir não seria triunfal, mas absolutamente aniquilador e autodestrutivo. De Celtiberos, elas sentiram que o caos climático se abatera sobre todos eles e as criaturas medianas padeceram, exceto as que conseguiram. Os demais seres do planeta, inclusive os, aparentemente, extintos foram encantados e levados para Celtiberos em libertação definitiva dos devaneios dos patriarcais. Viveriam lá em perfeita harmonia, paz e sem desígnios menores, como os de cadeias alimentares.

E, assim, todos os encantados moram, enfim, em outra casa — em Celtiberos — distante da ruína do planeta Terra. Os patriarcais e seus aliados são, agora, nada.

E, apenas as bruxas sabem o significado do que é o nada.





A P R E S E N T A M O S

Sombra de carcaça

Por Maurício Niero

Maurício Niero é escritor de contos e romances dedicado ao desenvolvimento de histórias intrigantes, com especial foco na construção profunda e envolvente de personagens. Após anos de atuação no mundo corporativo, decidiu transformar sua paixão pela escrita em sua principal ocupação, trazendo à tona narrativas cativantes que exploram a complexidade humana.



De certa forma, no lúdico das intermináveis divagações mentais, sinto como se minha carne se esfalesse por dentro. Mas ninguém, além de mim e de Mirna, sabe disso. Nem mesmo meu amado marido, que está sentado ao meu lado no banco de nossa grandiosa fazenda, nos campos verdejantes da Áustria, sequer imagina que minha partida será inevitável dentro de alguns instantes. Meu querido e valente Daniel, sempre risonho, de olhos cor de âmbar e cabelos grisalhos, está prestes a sentir a dor avassaladora de perder a esposa que tanto ama; mas, em troca, ganhará uma filha para enchê-lo de alegria e consolá-lo em seu detestável período de luto. Já eu, Aurora Kaiser Fritz, herdeira de inúmeras fazendas europeias e detentora de sabedorias ocultas, sinto-me pronta para deixar minha carcaça, meu legado de quarenta e três anos, para trás. Preciso evoluir. Aceito de bom grado a sina e a bênção que foram gravadas em minha alma. E hoje, no auge de um dos nossos mais rigorosos invernos, no ano de mil seiscentos e sessenta e um, eu hei de ascender outra vez!

Sentada ao lado de Daniel, em nosso banco estofado, em frente ao quarto do casal, eu o via sorrir para mim, esforçando-se para transmitir calma no semblante. Mas, por trás do brilho de seus olhos apaixonados e cheios de vontade de viver, eu conseguia enxergar que ele estava tão ansioso quanto eu. Meu marido, sete anos mais velho, sussurrava-me ao ouvido que, em breve, o parto terminaria e que, então, teríamos nossa querida Laura nos braços, nossa primeira e única filha enquanto juntos. Eu sabia que teríamos uma menina, pois meus vínculos com a vida sempre foram deveras aguçados. As pessoas não sabiam, mas eu estava destinada a gerar somente mulheres em meu ventre.

Minhas contrações estavam à beira do colapso, e as dores do parto intensificavam-se a cada instante. Minha placenta havia se rompido momentos antes de subirmos as escadas para o andar superior de nosso casarão. Respirava profundamente, sentindo meu corpo dilatar a cada batida do coração. Nossa governanta e exímia parteira, Mirna — minha única cúmplice nos ritos secretos de Bennu —, estava no interior do quarto, preparando todos os aspectos necessários para o parto que se aproximava.

— Minha senhora, Aurora — chamou-me Mirna ao abrir a porta do quarto, a voz seca e apressada, convidando-me a adentrar com um aceno gentil de mãos.

Meu marido apertou minha mão e ajudou-me a levantar.

— Não se preocupe comigo, meu amado Daniel. Prometo-lhe que tentarei ser o mais breve possível — disse, num tom de humor aveludado, embora os riscos graves que

escapavam de minha voz denunciasses a ele a dor que sentia sob o véu de mulher grávida.

— Minha amada não quer que eu entre para apertar-lhe a mão durante o parto? — perguntou, o riso no semblante inquieto, com medo evidente no olhar.

— Todas as mulheres sabem que os homens apenas atrapalhariam o andamento do parto. Aliás, não se esqueça de que desmaiou dias atrás ao ver o parto de uma de nossas ovelhas — relembrei-o, com um sorriso apaziguante, de seus desmaios vergonhosos ao ver sangue em demasia.

— Claro! Então, ficarei aqui do lado de fora, torcendo por vossa mercê! — concluiu ele, beijando minhas mãos com devoção.

Mirna segurou-me pelos braços, encaminhou-me até a cama de casal, retornou à porta e fechou-a, passando o trinco para que ninguém adentrasse o recinto.

— Está pronta? — perguntou a bruxa Mirna, sorrindo com empolgação.

— Sempre estarei pronta para dar à luz a uma nova criança. — A bruxa que habitava em mim jamais responderia outra coisa além dessas palavras enfáticas.

A dor em meu interior era branda. Um novo ser, com vida, mas ainda sem alma, alimentava-se dos nutrientes que circulavam em meu corpo. Minha filha Laura, como seria chamada por todos nesta casa assim que nascesse, era um verdadeiro milagre a ser presenciado por este mundo; um de muitos outros que ocorreram ao longo da História, na verdade.

Mirna ajudou-me a deitar na cama, de barriga para cima. Ajeitou o travesseiro sob minha cabeça e correu até o chão oco do assoalho, onde havíamos escondido nosso livro de magia proibida. A ancestralidade Bennu, que outrora corria em nosso sangue, já não habitava nossos corpos — afinal, eles haviam sido descartados em outras ocasiões. Mas minhas memórias, assim como as de Mirna, transbordavam seus preceitos. Abri minhas pernas para iniciarmos os processos do parto. Mirna, por sua vez, trouxe o livro da Ordem Sagrada de Bennu para que ela o lesse enquanto eu dava à luz. Os rituais Bennu foram descobertos por mim e por Mirna em tempos antigos e são usados apenas por nós, sendo um segredo guardado do resto da humanidade. Para muitos povos, o nome Bennu está associado a culturas egípcias, simbolizando o nascimento, a ressurreição e a imortalidade; e, de alguma forma, eles estão corretos. Mas Mirna e eu somos as únicas que conhecemos a fundo seus valores de transformação pessoal, autoconhecimento e conexão

com as forças divinas — ou profanas, como na maioria das vezes, e especialmente neste caso.

Minha voz agora se fazia alta. Eu gemia por conta da dor e tentava abafar os berros com o ranger dos dentes. A criança tinha pressa para nascer. Minha cúmplice de magia proibida pulou para a cama e se acocorou ao meu lado, sobre o colchão. Ela colocou uma das mãos em minha testa e a outra continuou a segurar o livro Bennu, agora aberto. Enquanto eu fazia força para empurrar a criança para fora de minha futura carcaça, Mirna lia em voz alta, repetitivamente e com voz ligeira, o trecho blasfemo em que o feitiço deveria ser citado durante o nascimento de Laura:

— “A máscara da morte e da vida foi quebrada pelo meu domínio sobre a magia obscura e me banem da passagem mundana e do véu do esquecimento espiritual. Os meus desejos agora são maiores do que as ordens naturais. Eu clamo uma vez mais para que a Deusa Ísis abençoe meu cordão da vida. Eu clamo para que a sombra do teu arconte blasfemo, Kuramo, esteja novamente entre nós e nos abençoe com a dádiva do renascimento eterno. E que assim seja para todo o sempre!”.

Durante o último sussurro ao quarto, senti o bebê deslizar para fora de mim. No mesmo instante, meus olhos se fecharam, e minha consciência se foi. Eu estava morta. No evento subsequente, agora eu ouvia os sorrisos baixos de Mirna. Fiz uma força absurda para abrir os olhos e tive êxito. Minha amiga bruxa escondeu o livro Bennu em seu lugar de origem, cortou meu cordão umbilical com a tesoura de ferro, pegou-me com ambas as mãos e me colocou afastada de seu corpo, para observar melhor meu rosto novo, agora pequenino. Minha consciência havia sido novamente transportada para a filha que eu gerara em meu próprio ventre.

— É vossa mercê, Aurora? — Mirna questionou com um sorriso aflito.

Embora eu ainda não conseguisse falar ou controlar todos os movimentos dos braços e pernas, por conta de minha formação prematura, característica de um bebê recém-nascido, pude mover a cabeça, acenando positivamente para a minha parteira; e ela sorriu.

— Agora restará apenas que cresça até o seu segundo ano de idade para que recobre todos os movimentos do corpo. E então, quando envelhecermos, será a minha vez de dar à luz a mim mesma, e a sua de me auxiliar em meu parto — murmurou Mirna.

Mirna e eu, através dos séculos, continuamos a ser bruxas e mães de nós mesmas, semeando nossas próprias vidas e consciências em nossas próprias filhas, além de

preservar o nome de nossa família e mantermos a riqueza que nos é passada como herdeiras. Por conta de nossos vínculos com os preceitos Bennu, conseguimos engravidar até os setenta anos de idade, bem como controlamos nossos próprios períodos férteis. Mirna e eu estávamos destinadas a ser duas criaturas de vidas infinitas enquanto este planeta existir. Estávamos marcadas para controlar a humanidade — para todo o sempre.

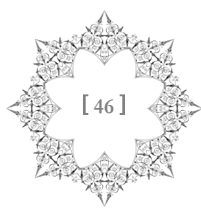
Foi quando escutamos passos pesados no quarto, fazendo a madeira do assoalho ranger. Mirna me ajeitou em seu colo, e juntas olhamos para a sombra de Kuramo, o arconte blasfemo das lendas Bennu, que nos agraciara tantas vezes com o dom do renascimento perpétuo. Seus olhos grandes e azuis eram a única cor vibrante que emanava dele. Todo o resto era sombra espessa, que nos causava dor nos olhos.

— O acordo foi novamente selado, grandioso Kuramo. Para honrarmos o nosso tratado, a carcaça de Aurora será enterrada daqui três dias, no cemitério local, e lhe servirá como alimento para que mantenha sua existência em nosso mundo. — Mirna assegurou ao ser sombrio da outra dimensão.

Kuramo nos presenteou com um cordial aceno de cabeça e depois desapareceu de nossas vistas, voltando para as sombras ao canto das paredes.

— Pronta para começar a chorar, para que o seu pai finalmente saiba que nasceu, pequena Laura? Não se esqueça de que ainda teremos de consolar o pobre Daniel, que em breve receberá a triste notícia sobre a morte de sua amada esposa.

Fiz dois “sim” consecutivos com a cabeça e sorri. Meu septuagésimo ciclo vital começava agora.





A P R E S E N T A M O S

O culto das bruxas esfaimadas

Por Maurício Niero

Maurício Niero é escritor de contos e romances dedicado ao desenvolvimento de histórias intrigantes, com especial foco na construção profunda e envolvente de personagens. Após anos de atuação no mundo corporativo, decidiu transformar sua paixão pela escrita em sua principal ocupação, trazendo à tona narrativas cativantes que exploram a complexidade humana.



— *Irmãs! Estamos cruzando o último dia do ano de mil trezentos e cinquenta e cinco. O momento é chegado!* — gritei histericamente às irmãs, para que os ritos na clareira da floresta fossem iniciados. — *O céu noturno que nos cobre as cabeças será nosso cúmplice! Os morcegos, nossos aliados do manto escuro! Os lobos da floresta haverão de nos escutar até que nossas preces sejam atendidas!* — iniciei os primeiros dizeres de nosso livro, roubado do túmulo das bruxas assassinadas no centro da Transilvânia, ao norte da Romênia, lugar onde todas nós residíamos atualmente. — *Nossas máscaras com chifres de bode clamam a ti, ó carniceiro Vulturosfo Strigo!* — Eu e minhas outras dez irmãs agora dançávamos em círculos, uma envolta das outras, rindo com vozes esgaçadas. — *O sangue que derramamos no prato é todo teu! O riso que reverbera na mata é em teu nome, Vulturosfo!* — As irmãs pegavam a faca do pequeno altar improvisado no gramado da clareira, cortavam as palmas das mãos e deixavam o sangue pingar no prato fundo de barro. — *Suas filhas clamam por tua presença, assim como nossos estômagos vazios clamam por tua ajuda! Ouça-nos nesta noite de sombras, ó poderoso Strigo!* *Necessitamos de tua clemência e te trouxemos a oferenda!*

— *Poderoso Strigo!* — As vozes das irmãs ecoavam ao fundo de minha oratória exaltada, a todo instante.

— *Chamem! Chamem todos os espíritos caídos dos guerreiros Strigo, os verdadeiros feiticeiros da eternidade vil! Os caminhadores do gume entre o mundo paralelo e o plano físico! Não nos abandonem neste momento de danação e miséria! Que a lua cheia guie teus passos até nós. Que os portões do mundo espectral sejam abertos e que tuas línguas, que rasgam a carne humana, despejem palavras santas que entreguem um rumo benevolente aos problemas que nos afligem! A Clareira é nossa casa! Seja bem-vindo ao solo fértil da casa das bruxas!*

Enquanto eu gritava as palavras do ritual com toda minha devoção aos Strigo, a irmã Tânia batia continuamente seu tambor feito de couro animal. As outras irmãs cantarolavam e erguiam as mãos para a lua, bebendo poções de ervas e saltitando sobre gravetos no chão, que formavam inúmeros pentagramas invertidos.

— *Vejam, irmãs! Vejam a luz pálida da lua tocar nossa pele! Vejam o relevo de nossas veias vazias e sedentas por nutrientes! Testemunhem o prelúdio dos sussurros que em breve ecoarão em nossos ouvidos! Contemplem as chamas de nossa fogueira elevarem nossos maiores desejos aos céus do submundo! Tragam a escuridão até nós!*

— *Venha até nós, Vulturosfo Strigo!* — O coro das irmãs ecoava ao fundo de minha fala.

— *O caminho está aberto, Strigo. Agora, atenda ao chamado daqueles que clamam por teus milagres!*

A fogueira que ardia em brasas no meio de nós diminuiu de tamanho. O ar ao redor estava diferente, causando certa ardência na pele. Sem aviso, o ambiente da clareira tornou-se mais escuro que o habitual, e um silêncio enervante pairou sobre a floresta.

— O ritual do livro está funcionando! As palavras e a magia contida no livro das bruxas são reais! — falei calmamente, emocionada, mas com medo do desconhecido. — Rápido, irmãs! Vistam todas, os seus véus, e cubram os cabelos e olhos. Permaneçam em silêncio, para que a passagem de Vulturosfo ao nosso mundo seja realizada com sucesso.

Conforme eu já havia especificado nos dias anteriores, as irmãs estavam cientes das medidas que deveriam adotar no decurso do ritual. Sem hesitar, cada uma delas, assim como eu, vestiu seu véu longo e cobriu a metade do rosto, até a altura dos olhos. Ajoelhamo-nos e colocamos as mãos sobre a terra, com a cabeça baixa.

— Nosso silêncio agora será interrompido apenas por tua presença, ó carniceiro Vulturosfo Strigo! — roguei minha última linha de feitiço naquele culto blasfemo, permitindo a chegada de nosso libertador do sofrimento.

O plano físico da clareira tornou-se ainda mais gelado que antes. Estávamos experienciando o que os manuscritos chamam de “viagem ao plano umbral das almas angustiadas”. Naquele momento, pude ouvir resmungos de alguns vultos que surgiam próximos aos contornos de meus pés e dos das outras irmãs. Segundo as regras do livro oculto que roubamos dos túmulos das bruxas, não poderíamos olhar para os rostos de qualquer ser que habitasse aquele tenebroso plano desconhecido; caso contrário, nossas almas jamais conseguiriam abandonar os veios depreciativos do mundo umbral.

Pegadas pesadas surgiram ao longe, na clareira de luzes modificadas pelas forças sobrenaturais que se apossavam do entorno. Tais sons de passos vieram em minha direção, pois eu estava mais próxima, dando a entender a Vulturosfo que eu seria a portavoza daquele suposto *coven* de amantes das artes nefastas.

— *Qual é o teu nome, criatura humana?* — O Strigo, de pele na perna levemente azulada e esbranquiçada, e pés descalços, falou. Sua voz era alta e imponente, ao contrário de minha algazarra de outrora, que agora passaria a soar apenas em tom baixo.

— Meu nome é Carmelina Schmit, divindade Strigoi — respondi apenas ao que me foi questionado, para não irritar a entidade, mantendo os olhos sempre voltados para a terra.

— *São todas bruxas experientes do plano terreno, pelo que vejo.* — Ao final de suas falas ecoantes, era como se a respiração final do Strigoi emitisse o som de uma gota generosa de água ao bater num lago calmo e silencioso.

— Não, poderoso Vulturosofo. Não somos bruxas de vasta experiência na arte das trevas. Somos apenas humanas que roubaram o livro de bruxas cultuadoras das sombras, abatidas recentemente em nossa região, e desejamos obter tua ajuda. Digamos que acabamos de nos tornar bruxas iniciantes.

— *Mulheres tolas! Sabem que tenho sede de sangue e invocam seu próprio monstro assassino.*

— Não tememos mais a morte, meu senhor. Se este for o teu desejo, que nos elimines agora mesmo ou te compadeças de nosso sofrimento. A propósito, trouxemos a oferenda de nosso próprio sangue. Como podes ver, está sobre nosso altar de pedras.

Num piscar de olhos, com uma agilidade impensável para um ser humano, o Strigoi saltou até o prato que enchêramos com nosso sangue e deleitou-se ao bebê-lo até a última gota. Depois, jogou o prato ao meu lado e colocou-se novamente diante de mim.

— *O que tanto desejais de mim?*

— Nossos estômagos clamam por comida. As árvores em nossa região não dão mais frutos. Os animais fugiram ou foram devorados pelas pessoas. Nossas sementes não mais germinam na terra. Estamos desesperadas. Estamos tão magras que o relevo dos ossos em nossos corpos pode ser visto por qualquer um que observe nossa pele. Queremos que tragas fartura às nossas mesas. Lemos no livro das bruxas que os Strigoi também são capazes de trazer abundância aos seus pactuados.

— *Não sinto cheiro de crianças em vossas roupas. Para onde foram?*

— Nossos filhos, e muitas de nós, pereceram devido à miséria.

— *E vossos homens?*

— Eles são os responsáveis por trazer comida às nossas casas. Mas estamos com tanta fome que suspeitamos que nossos maridos estão arranjando comida e a dividindo apenas entre si. Ultimamente, têm-nos trazido apenas água dos rios.

— *Apenas desconfiais das intenções e ações de vossos homens?*

Pensei por um momento e, então, entreguei a verdade crua a ele.

— Temos certeza, na verdade. Eles nos roubam a comida de forma descarada, a ponto de deixar nossos filhos e filhas perecerem! Certamente nos deixarão morrer de fome nos próximos dias. — Exaltei-me, indignada, mas logo retomei a serenidade na fala.

— *Vossas palavras são claras como a lua terrestre. Vossa fome é autêntica. Mas vossa alma clama por algo mais, não é mesmo? Acredito que, a essa altura dos acontecimentos, nenhuma de vós será capaz de perdoar vossos homens por cometer tal sacrilégio contra seus próprios filhos, mesmo que vossos estômagos estejam fartos. As mulheres que estão diante de mim almejam vingança. Almejam não apenas o fim da fome, mas também a morte de vossos homens, em justiça pela perda de vossas crias, sacrificadas pela ganância de vossos parceiros.*

As palavras do Strigoi nos surpreenderam. Por um instante, fiquei incapaz de falar por todas nós.

— *Não me façais perder meu tempo precioso!* — Ele deixou claro que não toleraria delongas.

— Sim! Também desejamos a morte de nossos homens com todas as nossas forças.

Minha frase furiosa não foi contestada por nenhuma das irmãs: muitas delas desejavam isso mais do que eu; sentia isso com todo meu fervor humano.

— *Então, eis a solução para todos os vossos problemas.*

O Strigoi abaixou-se e entregou-me um cálice dourado, contendo um líquido azul estranho que borbulhava incessantemente. Os dedos de sua mão eram secos como se estivessem em processo de decomposição.

— *Amanhã, ao anoitecer, haverá uma festa entre os homens de vossa região. Eles caçaram recentemente um cervo e o assarão longe das bocas famintas de suas esposas. Vossos homens gananciosos dirão que partirão em busca de alimento, mas estarão deleitando-se com a carne do cervo e com o barril de vinho caro que saquearam nas redondezas. O barril de vinho está escondido no celeiro de tua casa, bruxa Carmelina. Despeja o líquido desta taça no barril, e amanhã, ao final da festa, todos estarão mortos. Atendei ao meu desejo, e eu vos concederei comida em abundância nos próximos sete anos.*

Pensei por um instante, segurando a taça com as mãos, o olhar ainda voltado para o chão.

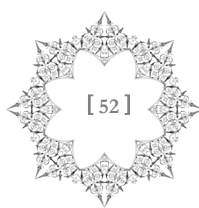
— Qual será o custo de nosso pacto?

— *Exijo apenas que me tragas os corpos dos homens para esta clareira, quando estiverem mortos. Hei de beber todo o sangue de seus cadáveres.*

— Então, assim será feito.

O Strigoi afastou-se, e as outras almas penadas que nos rodeavam desapareceram aos poucos. O plano umbral desfez-se diante de nossos olhos, e imediatamente nos levantamos do chão. De pé, as irmãs e eu encaramo-nos, apreensivas no início, mas logo concluímos que estávamos todas de acordo com o destino de nossos maridos autoritários e dissimulados — os assassinos de crianças com quem tivemos o desprazer de nos casar durante o cruzar dos anos.

Com o cálice de Vulturosfo em minhas mãos, acompanhada de minhas queridas irmãs, cúmplices da mesma dor materna, parti para selar nosso destino e o de nossos maridos. Honraríamos nossa palavra com o Strigoi e, enfim, teríamos comida farta em nossas mesas.





A P R E S E N T A M O S

Incoação

Por Nadya Julia de Paula Luiz

Nascida no interior de São Paulo, Nadya é uma aspirante a escritora e advogada.

Com a ânsia de levar suas ideias para todos os lugares, escreve contos e poesias.



Adentrei a sala escura e a encontrei acomodada no chão. À sua frente, sobre uma pequena mesa, uma luz resplandecia sobre seu rosto. Meu coração batia forte; fazia muito tempo que ela não permitia minha entrada, mas, desta vez, o convite chegara.

Os passos foram lentos em sua direção. Sobre a mesa, pude observar a fonte de luz: uma bola de cristal. O objeto estava sob uma estrutura de prata que a abraçava fortemente, e dentro dela, a luz brilhava como mil sóis.

Sentei-me, ansiosa, diante dela.

“Observe.” Ela disse, sem desviar os olhos do objeto. Ajeitei-me sobre os joelhos e encarei o cristal por longos segundos, mas não havia nada.

“Veja.” Ela insistiu, enquanto sentia meu coração acelerar. Mas, ainda assim, não havia nada.

“Eu não compreendo,” neguei com a cabeça. Ela se levantou com um movimento brusco e caminhou até a porta, sem emoção no semblante.

“Topázio, por favor!” Gritei em desespero, enquanto me levantava em sua direção.

Foi como o primeiro suspiro da manhã, o primeiro som, como se ganhasse vida. A bola se tornou lilás e celeste, brincando com cores que dançavam entre os tons. Logo, sua coloração se transformou em uma fumaça densa; o grafite oscilava até o negro e, finalmente, se tornava alvo.

O suspiro se transformou em uma respiração forte, e pude jurar que havia uma voz. Gemeu e chorou, era um nascimento.

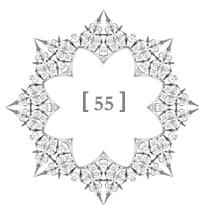
O rosto conhecido de um homem surgiu por entre a neblina. Meus joelhos bateram no chão, e as mãos cobriram os lábios. O coração explodiu, o cérebro gritou, o estômago ameaçou, e o corpo se desfez. A parede segurou.

“O que isso quer dizer?” Sussurrei, inaudível, enquanto meu olhar permanecia fixo na profecia.

“A procura findou-se,” ela disse, de costas para o cristal.

“Mas eu...” Não havia palavras. O coração desacelerou e recitou um poema. O cérebro calou-se e se confortou. O estômago beijou as borboletas, e a paz reinou.

“Findou-se,” concordei.





A P R E S E N T A M O S

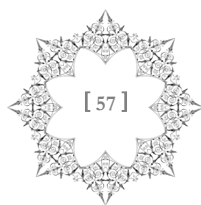
Bruxando

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Achava que o mal tinha representante.
Que era fácil identificar ou apontar...
"os desumanos nos seus atos insanos".
Mas não... tanto mal em plena luz
com contornos definidos, dificilmente.
A teia se difundindo sombriamente...
e os residentes em unísono, bruxando.





A P R E S E N T A M O S

Bruxa não muito má

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

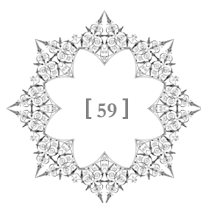


Era uma vez uma bruxa... que o quê queria
muito bem, não sabia.
Morava numa pequena casa
numa esquina sombria.

Reservava para as bruxarias
as noites de lua cheia.
Mas acabava sentada à sua janela
admirando a calmaria.

Se rádio ou televisão ligava...
como sonífero para cochilar.
Quem cogitava, se para assustar saía,
nunca encontrava.

Assustar crianças e velinhos, alvo fácil.
Mas só bandidos lhe apareciam...
Aí, alarmada, não sabia o que fazer
e para casa, rapidinho voltava.





A P R E S E N T A M O S

A bruxa já passara

Por Sellma Luanny

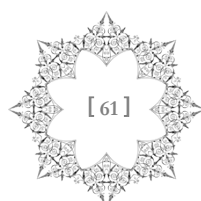
Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Saí cedo para pela praia, vagar.
O sol no horizonte a surgir, queria curtir...
pisar na areia fina e na água fresca do mar
molhar os meus sedentos pés.

De tudo isso eu precisava para o dia
bem começar... mas por pequenos ouriços,
toda a orla salpicada...
O ar embaçado no horizonte...

E o barulho de jet-skis... e aviões
o marulhar das ondas, abafando.
Não era nada do que eu esperava....
A bruxa por lá já passara.





A P R E S E N T A M O S

Foi-se o tempo

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

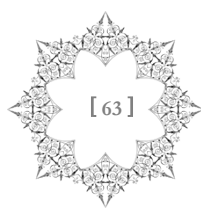


Se era bom, regular ou prazeroso
já não mais é.
O tempo de certezas não existe...
Já existiu?

Dizem que longas épocas
quando tudo era regular, houve...
As estações se cumpriam...
E a Natureza em equilíbrio.

E quando algo mudava...
era o planeta a se regular.
Propósitos a se cumprirem
para a tudo harmonizar.

Mas, agora... se alguém tem culpa,
com certeza, não se sabe...
Parece que todas as bruxas
sem reservas, soltas foram.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**